

Candidatura ao título de Especialista

José Topa
Professor adjunto de nomeação
definitiva
da ESMAE - IPP

Balada para um
carrinho de bebé
(texto)

Sobre *Balada Para Um Carrinho De Bebé*

Acontece que o Homem que embala o Carrinho espreita as aflições da contemporaneidade; do ser Homem do seu tempo com todas as dificuldades que isso implica, a começar nas aparências perigosas que parecem conduzi-lo ao abismo. Se o Homem se entrega a uma espera diligente do futuro, procura, assim creio, afirmar no Bebé que vem um campo aberto de possibilidades. Esse compromisso moral não fecha o futuro, abre-o e disso procura dar nota a encenação.

O tremor visível, e tátil, do actor como que relembra a tensão dessa disponibilidade para criar e cuidar o que acarreta uma precariedade necessária, uma modéstia comovente. Parece que estamos próximos de um teatro que se entrega sem omissões ao colapso das aparências, ao colapso do próprio teatro.

Que sobra dessa exposição frugal de vestígios?

O casaco de Próspero a partir de fios eléctricos?

A sintonização dos ecos do mundo num rádio de pilhas?

A trindade iluminante que parece consagrar uma religiosidade antiga?

As mamas da Genoveva?

Talvez só reste o rosto do actor no embalo das sombras.

Carlos J. Pessoa

Balada para carrinho de bebé

Carlos J. Pessoa

OFF - Posso pedir licença para entrar. Só que a casa está vazia. Por isso não vale a pena pedir licença. Talvez, para descargo de consciência, uma espécie de elogio para com os que aqui estiveram. Dão licença?

O bafo de um dia de verão pode iluminar de novo aquele desejo por gelados, mas a geladaria está longe, como longe estão os heróis, desbotados na fotografia. Ao que me lembro, andávamos à solta. Depois vieram as redes, e nunca mais nos sentimos à solta. «As pessoas crescem», dizem-me, mas por dentro sinto-me pequeno, a achar ainda que estar solto é tudo.

O miúdo com pieira, a mulher longe a trabalhar, e eu aqui a empurrar o carrinho, a ver se ele adormece. Respira menos mal, o pior é engasgar-se com o vómito. Se vomitar, parece que é bom, alivia o diafragma, mas se vomita, emagrece e não cresce. Pode ser pior a emenda que a balada. Não, não vou de abalada, que ainda agora cheguei, e isto de ser pai não vai sem brio. É coisa séria, muito séria. Só para a frente e para trás, assim como tecer sem fio.

O miúdo faz-me esquecer o resto, o que vem torpe, lesto. Que belo rapaz vai ser. Quando precisa de alguma coisa, não se cala, e precisa muitas vezes de alguma coisa: ele é sede, ele é fome, ele é sono, ele é o cocó e chichi e, muito importante, não esquecer, mudar a roupinha molhada, que o bebé sua muito. Ai, ai, ai, assobia, assobia, que esta pieira maldita só dá para aguentar e para rezar aos anjinhos para que o menino não se engasgue com o vómito. Pronto, pronto, fica bem, que eu estou bem, estou melhor que bem. Ah, ah. Estou ótimo, e tu és ótimo, e estás ótimo, e está tudo bem. *There's no business like show business...* Porreiraço e giro. Respira! Inspira, expira e tosse. Não sabes tossir. Tosse lá, cretino. Tão pequenino que nem tossir sabe. O que não saberá a gente que sabe tossir? Filosofices e ranho. É quase a mesa coisa: adubo para malmequeres. Mas tu queres-me mal, queres-me pôr doente. Põe-te lá bem, ó safadinho!

O miúdo faz-me esquecer o resto, o que vem torpe e lesto. Dorme, dorme, miudinho, dorme, dorme, para cresceres. Vais ser grande, vais ser... sei lá o que é que vais ser. Não te engasgues, mas é, fica direito, não te entortes, respiras melhor direitinho. Eu ponho-te a almofadinha nas costas, assim. Pareces um lorde inglês, de nariz empinado. Até parece que cheirou merda à nascença. Peneirento e tão fofinho. Dorme lá, ó cabeçudo. Vê lá se sonhas alguma coisa de jeito. Tenho o sono todo que te falta. Dou-to de borla, bem feito. Nem precisas de pagar portagem, pago-ta eu, boa viagem, a embalar-te assim, carrinho vai, carrinho vem.

A gente pensa num filho e não sabe bem no que pensa. Pensa num filho assim como num carro ou numa casa, mas nem caro nem casa têm a vida de um filho. Um filho leva-nos mais adiante e mais para trás, coisa de crença. É por isso que enquanto te embalo parece que me vejo num filme, a seguir uma pista, protagonista se calhar, uma estrela, uma estrela! Muito obrigado, muito obrigado, ladies and gernes... Já fui como tu, ó careca tira a boina e papinhas, papinhas comi muito. Não sei do papa nem de Deus, Nosso Senhor, mas a ele lhe peço, encarecido, que não o engasgue com o vómito, nem mo tenha falecido, ao menino, menininho, de nenhum jeito, maneira ou feição. O pai, atarantado, anda para trás e para diante, à espera de melhorazinhas, em cuidado com o petiz malandro, que abre os olhos de espanto, a pedir conversa, patati, bababá! Cala-te lá e dorme, ó palerma cabeçudo! Sabes lá o que custa a vida, o que custa resolver a porcaria que nunca pára de acontecer! Resolves tu os nós? Falas com os jornalistas, colocas a voz? Aos jornalistas interessa lá a verdade. Tanta solenidade! Interessa a tiragem, como, a mim, ir para a borga em vadiagem. Sou tão safado como jornalista chacal. Topo o teu sono ideal, como eles me topam as feridas de político esmaecido. Se estou ferido, com que amigos posso contar? Se os animais não mentem, as pessoas mentem bem. Quem são afinal os que me querem comer? Sinto-me todo a arder, em lume brando, até quando, até quando? Sim, eu continuo. Descansa, que eu não amuo. Tu, que não me perdoas, nem sabes disso sentenciar, sei que queres dormir, sei que me queres a embalar, e eu obedeço. Obedeço a essa coisa verdadeira que é birra de bebé com pieira.

Meu Deus, que se vá o vómito! Venham os chacais e que se vá o vómito! Não dou entrevistas; não digo a verdade a quem não a quer ouvir. Mas que interessa a verdade, se falhei na sexta-feira por não adivinhar o tempo frio que te constipou de bronquiolite

ligeira. Ah, ligeira, ligeirinha, pé ante pé, como o fisco que te endivida ainda mais. Aquela sensação de as coisas se atropelarem umas às outras, de nada dar certo, azar, de parecer perder ainda antes do jogo começar! Fazes figas, figura de pedinte? Rezas pelo amanhã, pela saúde do teu filho, por chegares vivo à estação seguinte. Se andas de um lado para o outro, como queres chegar a algum lado. Ah, andar tanto e estar parado!

Não comesas nem acabas. Embalas o miúdo, selo na testa. Geras electricidade no ar, coisa de encantar. Dorme, dorme, meu menino, que o sono cuida. Uma máquina é que era coisa boa, fluida: energia renovável, pois então. Tanta inauguração, tanto sacramento, tanta ciência e investimento. Energia bebeólica a dar no carrinho por empurrão; vaivém com bronquiolite ligeira, e tudo o mais é a oposição em chinfrineira. Ora, ora, por quem me tomas, rapazinho? Uma pneumonia dava um furacão. Mas, vá de retro, Satanás, desejos doentios, palavras amargas feitas de fel e de ressaca! Que fiz de mal? Porque sou tão estúpido, meu Deus? Dá-me abrigo, bebé, dá-me abrigo! Diz-me quando e onde errei. Sexta-feira, ouro na algibeira? Porque subi ao palco para dizer a verdade, se a verdade não sabia, se me engana a verdade por tanta fantasia? Porque enganei o meu povo, porque lhe quis bem sem saber bem-querer? Enfastiado, moribundo, a adejar considerações sem eira nem beira, tímido e triste. Deixa-te de caretas, palhaço, arma em riste! Se me entrego assim a ti, bebé, é porque te sei esplêndido como um menino Jesus, e isso é o natal para todo o sempre nos corações, quando as coisas correm bem e não é preciso mais explicações.

A tia traz o leite porque a mãe não está. Ah, a tia que traz o leite quando a tua mãe não está, tia-avó, que é mãe quando a tua mãe não está. Faz-se assim, por linhas estranhas, todo o cuidar que te diz respeito.

Não levo a mal ninguém. Levo a mim, que me enganei e que fico aqui de um lado para o outro, nesta balada em que balanço entre o continuar e o desistir. Desistir de viver, dizes tu? Desistires tu? De que te queixas afinal? Deste público que escuta a balada magoada? Poderias ser feliz sem tristeza tamanha? Quem te inflama, quem te acende, quem te estranha? Deixa-me abraçar-te, menino meu, coisa imensa que se prolonga ainda mais do que céu. A tua pele cheira a creme Aveno, e se tu soubesses que o meu esconderijo era o feno, talvez fosses parceiro de cartada desta noite até de

madrugada. Ignoras esta coisa que corrói, este esplendor que mata, este desatino que não ata, que te solta no mar furioso, que te torna duvidoso, vagabundo, bandidão, que marcaste o meu coração. Lamento os meus fracassos e apetece-me frango de fricassé. Há por aí uma bejeca ou talvez caracoleta e ir para casa de lambreta? Meu pai deu-me um tremoço, meu avô um caroço, e a ti que te lego eu? Legoland é bom, não é?

Dos outros que me ignoram, da arte que me foge, da mulher que me esquece, deste filho que me faz bulir, encontro as forças para empurrar e puxar em vaivém, devagar, a modos que a carpir. Sou como um relógio de carne, um coração que mostra ponteiros digitais, visíveis à noite, bestiais? Cuidado com o vômito, meu menino, não te engasgues, que assobio, assobio. Respira bem, não te rias, nem chores, tranquilo, como uma princesa na relva de Camelot. A Genoveva espera por ti daqui a uns aninhos, toda aperaltada, com um grande decote. Acredita, está prontinha para o baile e para torcer por ti no torneio da alma. Tem calma, que te seguro no corcel enquanto pões a armadura. Que não te espante de amor nem a tontura nem o pingalim, meu Lancelot bebé, que Artur era fraquinho, não um guerreiro forte que se empanturra com bolas de Merlin.

Fogo! – disse o capitão, general, almirante, e era ver o céu iluminar-se de morteiros, granadas, azagaias, flagrante, e toda a espécie de arsenais militares, luminárias em canção, como nas batalhas pintadas, azuis, nacaradas! Diz lá, diz lá, se não te veio à lembrança aquele velho capitão que, por paixão, tropeçava nas abóboras do campo e ficava aquém da batalha. Brotavam da sua boca águas vivas, fontes perfeitas, o teu rosto sem feridas, e eu tentando conter, conter tanto, o sangue em jorro, transbordantes de todos esses que sucumbem de novo, de novo, meus irmãos, lançados à terra como sementes de aflição. Ah, bebezinho militar, este receio de perder-te dá-me medalhas de comoção. Um, dois, esquerdo, direito. Respira bem, respira a preceito. Estás a rir das minhas caretas? Maluquices, dizes tu que eu digo? E não te enganas. Se me lembro de música, pedes tu? Talvez assobiar o hino nacional, para te alegrar e considerar a pátria como coisa boa contra o vômito. Portugal é assim como um brinquedo, coisa que distrai e faz rir e chorar, um brinquedo que chega tarde e que demora a funcionar. Para mim é tarde, Portugal. É tarde esperar de ti mais que inveja, despeito, bota-abaixo e oportunismo. É tarde, Portugal, para ser tarde e a noite te dar alguma inspiração. Desembarcam milhões enquanto aguardo que adormeças. E

se Portugal desaparecesse nessa fúria de desembarcar? E se a gente toda se fundisse num jeito aflito de amar? Amar sem pátria, amar sem nome, ir mais além, e dizer numa língua de bebé: fica bem, fica bem, fica bem!

Dizem que cometi um atentado ao património, que grafitei os Jerónimos, que inquiri a Inquisição, que misturei fascismo e comunismo como quem bebe um panaché, que fiquei assim, olé, olé, sem tourada, sem fado nem futebol, meio ao léu, ali para o Meco, sem piriléu, imaginem, sem vergonha, sem estilo nem clique, nem pobre nem chique. Dizem que cometi um atentado ao património, e foi um pandemónio de flashes e atenção. Fiquei confuso, joguei difuso, mergulhei obtuso e afinal era só areia, só lençol e mesa de cabeceira. Tenho um galo aqui para o provar. Cocorocó todas as manhãs. Suavemente piso o chão, não me digas não, não me digas não.

Cobre o meu corpo, enfim, desse agasalho, meu bebé grisalho que me ouves e te espantas. Suavemente vê-me de perfil e de frente. Numa avaliação criminal põe-me algemas por este crime, por esta espécie de embirração com a facilidade e a tradição. Faz-me o mar com um til e deixa-me mergulhar nesse colo de ondas. Atrai-me a essa luz, que é o teu rosto que se ilumina, sem tosse nem vacina. Deixa-me ficar a teu lado enquanto me puxas os cabelos com mãozinhas de veludo. És doce e peitudo, Phelps de encomenda, herói sem emenda neste veio que sangra, manga, manga à sobremesa. Deixa-me ser vassalo a teu lado.

Se Deus se esqueceu de nós, que não se esqueça de ti. Se Deus nos abandonou, que não te abandone. Se Deus não tem piedade, que a tenha de ti. Se Deus não existe, existe tu por ele, para que nada de mal te aconteça.

Pobre de mim, envergonhado, sem chalaça, que empurro o carrinho de bebé e, dizem as más-línguas, sou ameaça, pão de carcaça, medida febril de achar tudo e trigo. Dizem que sou vil, safado, capitão adiado, mas só pensei, isso sim, um número com uma dama que arvora o peitoril. Não me ouvem, não me dão atenção. O busto da dama, formidável embuste, tornou-se assunto de estado, e, entre considerações e enfado, discute-se a minha decapitação. Fiquem lá com a cabeça, que eu só quero que o menino fique livre da pieira e, já agora, por caridade, ver da dama uma nesga de felicidade. Sabe bem beber, aleivoso, o corpo dela. É a casa onde não moro, onde não

me debruço nem choro, nem vejo festa nem gozo. Sabe bem ver esses teus bracinhos a fazerem moinhos.

Aos meus inimigos desejo uma vida sem perigos. Do fundo do coração, desejo que os vossos escarros não vos molhem a sopa. Sem malícia vos entorno, coisa de festança, haja alegria, haja alegria, com Casal Garcia. Encham a pança os glutões do costume. Palminhas, palminhas, que vos palmilhei de alto a baixo e vi lume e vi estrume e, disso tudo, espantem-se, um estranho perfume. Sopa e muco darão o mesmo fruto? Se assim for, que fazer do que me apoquentas? Assobiar para o lado, onde moram os pecados e as faltas, todos os erros que me coibi de olhar e de reconhecer? Será pecado, bebé? Perdoarás a minha fé, ou a falta dela? Perdoarás, que te aperta o peito, esta fivela? Não caias, bebé, senão estou feito. Perdoarás, bebé, a minha falta de jeito? De que são feitos os defeitos? De beijos que não chegam a chegar? Para onde os sopraste tu? Ar e mais ar? Perdoarás reconhecer-me um dia? Haja alegria, haja alegria, com Casal Garcia.

Dorme, dorme sem sobressalto, agasalha-te bem, que assobio aqui, que assobio além. Não estás sozinho, não estás sozinho. Estás sempre, sempre a começar o caminho.

Coisas, afazeres, trabalhos e prazeres. Borbulhas, presunção, remoques, contradição. Tanta gente apressada. Ó tu aí, um bebé com limonada. Vens aí engravatado, de soslaio, bem tratado, rei do mercado, veloz como um raio. Trabalhinho a fazer, vontade pouca de o acabar, noites de torpor, sem forças para o motor ligar, fico assim, parado, de papo para o ar, o menino a respirar, e eu, de Ray Ban, a controlar, a controlar...

Ó bebé lindo, a mãe longe, o pai palerma, indigente. Ó cabeçudo, onde irás tu com semelhante progenitura. Vais ao Brasil, à lua, contentar os teus parentes? Não dês com a língua nos dentes, mantém-te firme, aguenta a pressão. A doença passará, a tempestade passará, e haverá dias melhores em que as coisas vão ficar bem, mais além, mais além.

Tenho saudades daquela gaja que me telefonou a engatar. Tinha lá eu desejo por uma velha que, em nova se põe a armar! Ainda assim, gostei dela, sim. E gostas dela ainda, sim? Como não gostar se gosto é desgosto? Só que o corpo não perdoa. Pois então,

que se lixe. Bebe tudo de um só trago. Que fiquem lembranças serenas, como quem bebe licor amargo.

O amor é sempre o amor, ou mais e mais licor. Gajas, presentes, perfumes, asas! Mais dinheiro que o Gulbenkian para comprar arte e casas. Ia ali ao antiquário no Príncipe Real e comprava tudo sem igual e depois, muito elegante, mandava tudo para o palácio que partilho com um elefante e ficava Ali Babá de papo cheio, a comer anonas e a fazer enleio. Fruta galante para ela, que afinal não veio.

Gosto de ti, pá. Aqui e acolá. Fazes-me rir, fazes-me sentir que sirvo para alguma coisa, que te embalo bem, que na tua mão a borboleta poisa. Queres um bifeinho do acém? Talvez faça isto com força demais, já que consta que embalar provoca danos cerebrais. Ficarás mais estúpido que o teu pai à custa de tanta embaladela. Pode a ciência enfeitiçar-nos, dizer-nos a verdade? Pode a ciência salvar-nos do medo, da vergonha, da cobiça, da falta dela, a espreitar na webcam deste estúpido ram-ram? Não sei bem o que digo quando penso desta maneira. A modos que vou embalado de verso em verso, como o Chico Acalorado, o poeta esgadanhado que às margaridas cantava loas e às mamas da Genoveva chamava meloas.

Ah, Genoveva, Genoveva, rapariga próxima de tudo que me leva e não leva. Vem lá ou deixa-me ir eu de vez, Genoveva. Mostra-me lá as mamas, mostra lá, Genoveva. Esquece o estado, o património, o público, a consideração, o verso. Não tenho tempo para mais versos, porque naquele dia estive quase, quase. Hoje não pode falhar, não é assim, Genoveva? Hoje não. o joguinho do despe era o joguinho ideal, lembra-te? E a Genoveva, perdia, perdia, e eu ganhava, ganhava, e ela despia, despia e ria muito, a Genoveva. Ria tanto, mas das mamas só as curvas a espreitarem. Ela despia tudo, tudo mesmo: meinha do pé esquerdo, meinha do pé direito, o cintozinho da calça, a calça propriamente dita, a pulseirinha de prata para acalmar a emoção, a Genoveva tirava o soutien, mas mamma mia, deixava a camisinha branca por cima a proteger. Mostra as mamas, Genoveva, mostra lá, amor meu. Ah, bebé, escuta com atenção, que isto só acontece uma vez, aprende, aprende. Genoveva, querida, perdoa lá a minha distracção. Não, não é nada, querida. Estava a falar para o boneco. Tu sabes que me deixas louco, a falar para o boneco. Continuemos o joguinho, não é? Vais perder, sua marota. Tu vais perder, não é? E ela queria perder, eu sei que sim. Mas quando a

Genoveva se aprestava a perder, e o tesão era maior que um pau de feira, catástrofe, horror, impiedade, foda-se, que crueldade. O padre irrompeu no salão, interrompendo o jogo blasfemo e pondo fim à revelação divina das mamas da Genoveva. “Então não tomas conta do miúdo, a jogares às cartas com a Genoveva!” Não, não, senhor padre, o miúdo está, está a dormir. Só tem um bocadinho de pieira, nada de grave. O pior já passou. “E tu, rapariga, que fazes nesses preparos pecaminosos, Genoveva?” – “Está muito calor, senhor padre, muito calor. Sofro com o calor; borbulhas na pele, está a ver? Disse-me o dermatologista que é o chamado efeito de panela de pressão. Tenho que me manter fresca, senhor padre.” – “Eu dou-te a panela de pressão, minha maluca.”

Ah, Genoveva, eu embalo o bebé, eu embalo o bebé, vê. Mostra as mamas, mostra agora, que o senhor padre já se foi, velhinho, para o seminário, regar as margaridas. Mostra, Genoveva. Não mostres as mamas de agora, mas as de há trinta anos, essas grandes e cheias, essas maravilhosas mamas que nunca mostraste, que sei que guardaste no cofre das recordações. Vamos, vamos jogar às cartas? Estás aí, Genoveva?

O pai embala o carrinho, o bebé dorme, a mãe distante, os inimigos calaram-se; não dizem nada. Foi fogo fátuo, indiferença, reinação. As minhas obras de pouco valeram. Certamente estou a mais; e a menos também, conta errada, como dois e dois serem cinco. E se forem cinco? E se dois e dois forem cinco, cinco fantasmas, cinco moedas, cinco dedos de uma mão? Há que embalar o bebé, amigos. Se dorme, o sono é leve e inquieto. Preciso de ternura, precisa de atenção, precisa de ser criado, criatura, unção. Uma obra de arte é um menino que cuida de nós. Sim, um menino que cuida de nós: das nossas misérias e faltas, dos nossos sonhos e dos torpores, da nossa ruína e desgraça, de sentimentos que vêm e vão em balada de assobia. Dorme, meu menino, dorme bebé. Daqui a bocadinho o Cara de Homem aparece-te com um espelho à frente e vai dizer-te assim: «Sobe para cima de uma árvore, com um garrafão de cinco litros. Come uma perna de frango e prepara-te para conquistares o castelo. Saberás o caminho, e a tua espada não se cansará de passar o fio pelos pescoços inimigos». Vai, amigo, vai; vejo-te a ir. Faz isso, isso também, e isso apenas. Faz, faz, faz por essa mistura de orgulha, dignidade de inocência. Faz como quem canta sem desafinar. Faz em nome de uma coisa mais alta que não humilha ninguém nem deixa ninguém por

baixo. Faz por essa coisa mais alta, que é a mais baixa das coisas, a mais pequena e frágil, como um bebé com pieira. Vai e faz amigo, de qualquer maneira. Solta uma lágrima ao vento e deixa que a maré te inunde de súplicas. Lembra-te que és apenas eco de eco de eco de todas essas vozes que sofrem e resistem. Embala o teu menino, embala o teu tempo amigo. Se acertares no tom, será por um triz, mas não desistas. Dá ao tempo música de balada, dá ao tempo música de balada feliz.

Toma, pega uma laranja.

FIM